

Construtivismo vira griffe nas escolas do país

Professores garantem adotar o método, mas, na prática, misturam uma série de estratégias educacionais diferentes

Construtivismo. Palavra da moda em educação de vanguarda no país, o termo tem servido de guarda-chuva para uma imensa variedade de procedimentos pedagógicos. Hoje, grande parte das escolas públicas de 1º grau no Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Ceará e Pernambuco costumam se auto-denominar construtivistas. Além disso, muitos colégios particulares adotam essa filosofia de aprendizagem.

Mas, afinal, o que significa construtivismo e quais são as vantagens do método? Marinês Laranjeiras, da Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação (MEC), afirma que o conceito não é novo. Ele foi criado por Piaget e Vygotsk, no início do século, para confrontar a definição de aprendizagem como simples acúmulo de informações decoradas. "A diferença é de concepção. Para essa visão educacional, o importante é que o aluno construa o conhecimento a partir de sua realidade e entenda o processo", explica ela.

REPETÊNCIA

No Brasil, o construtivismo se popularizou na década de 80 como uma alternativa aos processos tradicionais, que apresentavam elevados índices de repetência e insatisfação dos alunos. Marinês Laranjeiras acompanha de perto as experiências com o método que estão sendo feitas no país, principalmente na rede pública.

De acordo com ela, poucas escolas brasileiras aplicam o construtivismo puro em sala de aula. O mais comum é uma mistura de mecanismos tradicionais com algumas técnicas inovadoras, como a utilização constante de jornais e revistas para abordar assuntos.

Mas, segundo especialistas, a peça central no método construtivista é o professor. "Somente um profissional com domínio dos diferentes processos de aprendizagem e experiência está capacitado para adotar completamente essa concepção", ressalta Marinês Laranjeiras.

No construtivismo o professor se desprende das referências tradicionais como o livro didático e os con-

teúdos programáticos e o planejamento de cada aula torna-se fundamental. "Não adianta uma pessoa ter todos os instrumentos auxiliares modernos, como o computador, se não souber usá-los com precisão para atingir um objetivo", diz ela. E acrescenta: "Não existe solução milagrosa para os problemas da educação e não adianta apenas acabar com a decoreba. É preciso substituí-la com um verdadeiro processo interativo de aprendizagem".

AVALIAÇÃO

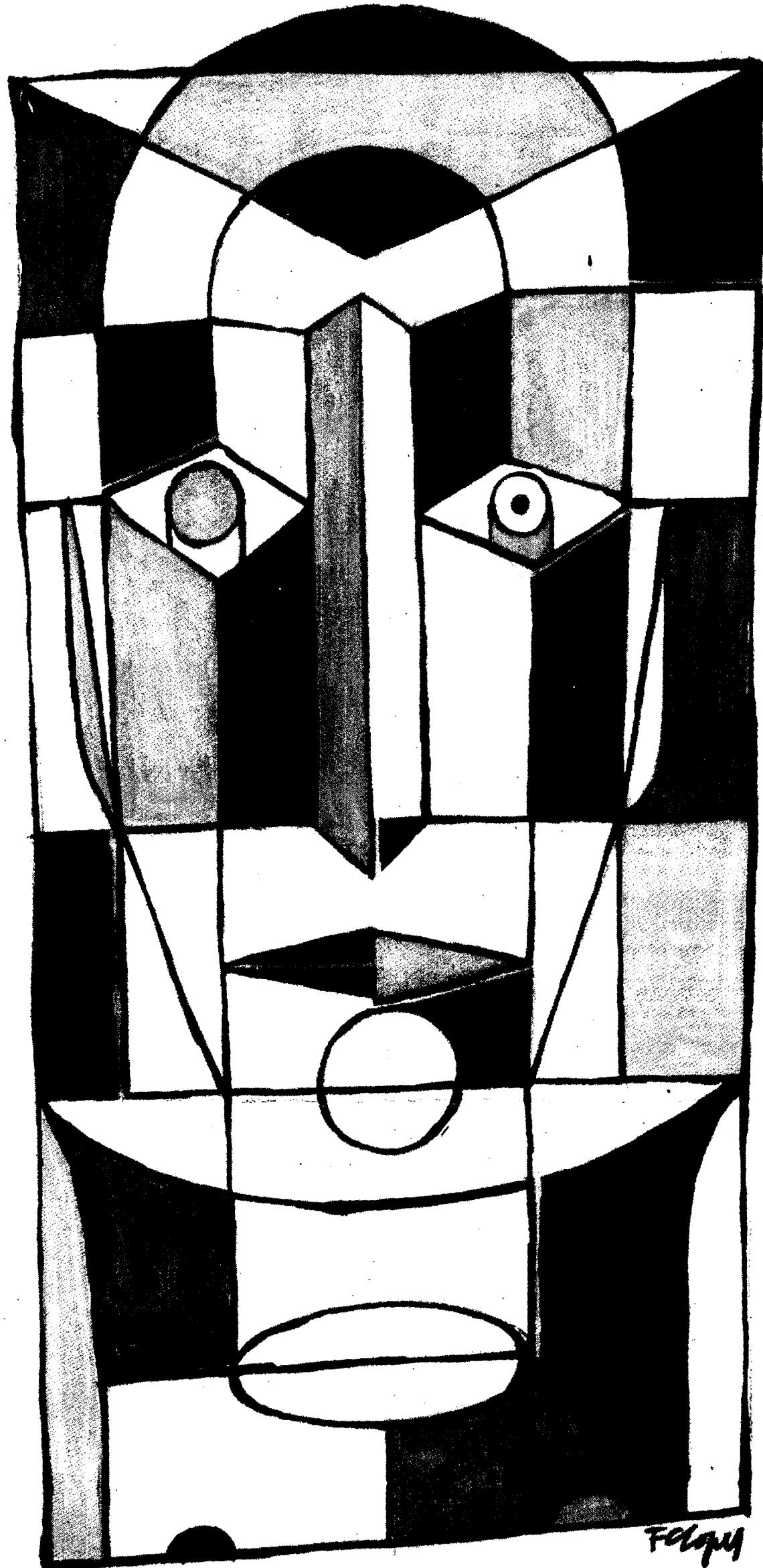
Além disso, um aluno com perfil diferente exige uma avaliação diferente e poucas escolas estão dispostas a abolir o sistema convencional de provas. Algumas das experiências mais arrojadas como a progressão continuada — que acabam com os testes e a reaprovação — ainda estão sendo testadas e não têm sua eficiência comprovada.

No Centro de Ensino nº 5 do Guará, professores e diretores apostam fundo no construtivismo para melhorar a qualidade de ensino. Um grupo de 18 professores orienta 600 alunos da pré-escola à 4ª série combinando o método com a progressão continuada.

"Usamos jornais, excursões a museus e parques, livros de história. Mas o mais importante é o planejamento feito pelo professor", afirma Rosilene Galvão, diretora da escola. Ela conta que os livros didáticos e as aulas expositivas tradicionais são o último recurso, principalmente na pré-escola e 1ª e 2ª séries.

As crianças adoram a farra de recortar, colar, poder sentar juntas e discutir a matéria, mas ainda é cedo para avaliar os resultados concretos da experiência. Aos pais, Marinês Laranjeiras, da Secretaria de Educação Fundamental do MEC, oferece uma pista para verificar se o construtivismo está ou não sendo bem aplicado na escola de seu filho.

"Se uma criança em processo de alfabetização, por exemplo, comece a ler uma placa, os pais devem pedir para que ela explique como descobriu o que está escrito. Se ela souber responder não há motivos para preocupação", acredita a educadora.



Folha